

A MEGERA E O PRÍNCIPE I

Cinara Nahra

Resumo

O objetivo deste artigo é mostrar que na peça “A Megera Domada” de William Shakespeare e no clássico “O Príncipe” de Maquiavel estão apresentadas nove regras e um princípio que podem ser utilizadas em qualquer processo de dominação, tanto pessoal quanto político. O princípio é o do fingimento (ou mascaramento e dissimulação) e as regras são: tratar os outros como meio e não como fins, obter riquezas por quaisquer meios, mentir, apropriar-se, utilizar da força, fazer-se temido, maltratar, dar para receber e aniquilar.

A história da *Megera Domada* de Shakespeare é antes de tudo uma história de poder, tanto quanto *O Príncipe* de Maquiavel. A diferença é que enquanto na *Megera* temos uma radiografia de como a dominação dos indivíduos se processa, no *Príncipe* temos a radiografia de como a

Princípios Ano 04, n 05, p. 41-62, 1997

dominação estatal se processa. Indivíduos ou Estados, um ou muitos, pessoas ou povos, o fato é que as duas obras expõem as regras do processo de dominação.

Para dominar é preciso antes de tudo convencer, ou ao menos, persuadir. O maior dos convencimentos possíveis, aquele que mostra a adesão total e incondicional do “convencido”, do que “se convenceu”, é quando este perde a sua própria identidade. Quando um indivíduo qualquer realmente acredita no que querem que ele acredite ou faz o que querem que ele faça, está concluído o processo de convencimento. Quando o resultado final deste processo é a crença que somos “um outro”, com perda da identidade, temos o convencimento absoluto. Na filosofia de Maquiavel isto corresponde ao aniquilamento, o esmagamento total da cidade conquistada, com a conseqüente destruição da liberdade e dos antigos costumes. É o final da batalha, com vitória clara e incontestável do “convencedor”. O “convencedor” domina. O “convencido” é já o dominado.

Na cena introdutória da *Megera Domada*, quando Shakespeare apresenta a relação do Nobre com o mendigo Sly, se desenha o pano de fundo de sua obra e sua intenção, qual seja, a de expor o processo de dominação e suas regras. O Nobre encontra Sly bêbado, caído na sarjeta e propoem aos que lhe acompanham.

“Que tal a idéia de o pormos numa cama e de o cobrirmos com lençóis bem macios, colocarmo-lhe anéis nos dedos, um banquete opíparo junto ao leito lhe pormos e solícitos serventes ao redor quando ele a ponto de acordar estiver? Não esquecerá sua própria condição este mendigo?”¹

E assim procedem. O Nobre ordena que se proceda a brincadeira. Sly será então colocado em um belo quarto, arrumado e cheiroso. A melhor música lhe será tocada, os criados a ele se dirigirão com deferência, vestes de qualidade lhe serão apresentadas para que ele escolha a muda de sua preferência. Falar-lhe-ão dos seus cavalos, cães de caça, e de sua esposa, convencendo-o de que lunático esteve.

¹ Shakespeare, W - A Megera Domada- Ediouro pp 312

“E se acaso declarar seu estado verdadeiro, digei que está sonhando, pois, de fato, ele é um nobre importante”²

Ao que os acompanhantes do Nobre asseguram:

“Garanto-vos milorde, que sairemos bem em nosso papel, sendo certeza vir ele a convencer-se tão somente por nossa diligência, de que é tudo quanto lhe sugerimos”³.

E assim fizeram. E tão perfeita foi a farsa, que Sly acaba se convencendo, admitindo finalmente:

“Sou fidalgo? Tenho uma esposa assim ou sonho acaso? Ou sonhei até agora? Não; dormindo não estou; vejo, escuto, falar posso, sinto perfumes suaves, toco em coisas agradáveis. Por minha vida é certo: sou nobre de verdade, não latoeiro. Não sou Cristóvão Sly. Trazei-nos logo nossa nobre consorte e, novamente, uma caneca de fina cerveja.”⁴

E assim se fez. E ao mendigo Sly, convencido ser agora um nobre que louco esteve, é apresentada uma comédia: *A Megera Domada*. Na *Megera Domada* o que está em jogo é o problema da dominação. Catarina, a megera, é indomada por natureza. Indócil, turrona, braba, é dotada de personalidade que a desqualifica para o convívio social e principalmente matrimonial. Batista, seu pai, é um rico homem de Pádua, e apesar de oferecer rico dote para desposar a filha, nenhum pretendente se aventura a tal tarefa. Um dia surge na cidade Petrucchio, que de olho nos bens de Batista se dispõem a realizar a empreitada: desposar Catarina, domar a Megera.

Shakespeare vai apresentando, então, a forma e o processo utilizado por Petrucchio para cumprir seu propósito. Trata-se, na realidade, do uso de nove regras e de um princípio. Ao utilizar-se destas regras e ao não afastar-se deste princípio, obtém-se como resultado o domínio na *Megera*. Na realidade o princípio e as regras expostas por Shakespeare podem ser utilizadas em qualquer processo de dominação e conquista do poder, e são as mesmas propostas por Maquiavel no seu *Príncipe*.

² Op.Cit pp 313

³ Op.Cit. pp 313

⁴ Op.Cit. pp 316

O PRINCÍPIO

Finja! (Apresente-se como sendo quem você não é! Use máscaras! Esconda sua identidade!).

“Todos vêem o que pareces ser, poucos sentem o que és; e estes poucos não ousam opor-se a opinião dos muitos que contam com a majestade do Estado para sua defesa”⁵.

Este princípio, que é básico em qualquer processo de dominação, é curiosamente baseado em um recurso amplamente utilizado no teatro grego: a “persona”. Como se sabe, no teatro antigo os atores mudavam de persona, mudavam de máscaras, assumindo, assim, diferentes personalidades, diferentes máscaras.

O princípio básico da dominação é o de mascaramento da própria identidade. Você deve fingir, apresentar-se como sendo quem você não é.

Na trama paralela da *Megeira*, Lucêncio, pretendente de Bianca a irmã da megera, troca de identidade com seu criado Trânio para conseguir aproximar-se de sua bem-amada:

“Lucêncio- Basta. Fica tranqüilo; tenho um plano. Não fomos vistos em nenhuma casa; pelo rosto ninguém nos reconhece como patrão e criado. Assim faremos: vais ter criados e casa como eu próprio; vou ser outra pessoa, um florentino, napolitano ou cidadão de Pisa .Já está chocado o plano, vai ser isso. Não percas tempo Trânio: tira a roupa, toma meu manto e meu chapéu de cores. Quando Biondello vier irá servir-te, sendo que antes preciso industriá-lo para nos dentes não bater com a língua”⁶.

Ainda na trama paralela , Hortênsio, também pretendente da dócil e bela Bianca, irmã da megera, transforma-se em professor de música para aproximar-se da pretendente:

“Hortênsio - Fazei-me ora um favor, caro Petrucchio: ireis apresentar-me, tendo eu posto vestes sóbrias, ao velho pai de Bianca, como perito professor de música, para lhe dar lições. Com este plano terei vagar e liberdade, ao menos, de, sem suspeita, lhe fazer a corte”⁷.

⁵ Maquiavel - O Príncipe - Cultrix pp 113

⁶ A Megeira Domada pp 320

⁷ Op.Cit pp 323

Na briga de Hortênsio e Lucêncio pelo amor de Bianca, Lucêncio, com a ajuda de Trânio, seu criado-travestido- de- Lucêncio, e Biondello, seu outro criado, desfecha o golpe fatal: obtém a permissão de Batista, pai de Bianca, para o casamento, as custas de um fingimento, de uma outra troca de identidade:

“Trânio- O amor de Bianca, senhor, é nada sem que lhe ajuntemos a permissão paterna. Para obtê-la, como já disse a Vossa Senhoria, vou procurar um homem - pouco importa quem seja- .Havemos de instruí-lo que Vicêncio de Pisa vai chamar-se e aqui em Pádua caução plena nos dará de tudo quanto prometi e mais ainda. Assim, de vossa dita calmamente desfrutareis, e com consentimento vireis a desposar a doce Bianca”⁸ .

E assim fazem, saindo os criados a procura de um homem que possa passar-se pelo rico Vicêncio de Pisa, pai de Lucêncio, até concretizarem seu intento:

“Biondello - Ó meu caro patrão! Fiquei de espreita por tanto tempo que esfalfado me acho. Mas afinal descer vi da colina um angélico velho que serve muito bem aos nossos intentos.

Trânio - Quem é ele Biondello?

Biondello - Um mercador, patrão, ou mesmo pedagogo, não sei. Porém de vestes muito formais e de aparência e vestes de verdadeiro pai

Lucencio- E agora Trânio, que faremos com ele?

Trânio - Se for crédulo e acreditar em minha história , alegre fará o papel paterno de Vicencio, dando as cauções que forem necessárias a batista Minola como se ele fosse mesmo Vicencio. Retirai-vos com vossa noiva, quero estar sozinho ”⁹ .

Assim é feito, e o resultado, mais positivo não pode ser. Batista consente com o casamento e antes que descubra a farsa este já está consumado. Na luta entre os pretendentes ganha o que usa melhor do fingimento, o mais hábil na manipulação das máscaras, o que menos escrúpulos tem na manipulação das identidades.

⁸ Op. Cit pp 339

⁹ Op.Cit pp 346

E é exatamente este uso da dissimulação, do finjimento, do mascaramento da identidade que Maquiavel também determina como um princípio que deve ser observado por todo aquele que se proponha a conquistar e manter o poder:

“Nunca faltaram a um príncipe razões legítimas com que mascarar as inobservâncias. Disso poder-se-iam oferecer numerosos exemplos modernos e mostrar quantas convenções de paz, quantas promessas se fizeram írritas e vãs em razão da infidelidade dos príncipes; e que aquele que melhor soube usar a natureza da raposa teve mais êxito. Mas é necessário saber bem disfarçar essa natureza e ser grande simulador e dissimulador. E são tão simples os homens e tanto obedecem as necessidades presentes, que aquele que engana sempre encontrará quem se deixe enganar.”¹⁰

AS REGRAS

1. Trate o outro (os outros) como meio(s) e não como fim(s)!
(ou os fins justificam os meios!)

Na *Megera Domada* Batista, o pai de Bianca, afirma:

“Deixai de importunar-me, cavalheiros, pois conheceis qual seja meu propósito, a saber: não casar minha caçula sem que à mais velha tenha dado esposo”¹¹

Batista dispõem de sua filha Bianca como se fora sua propriedade, não concedendo sua mão em casamento a não ser que antes, Catarina, a megera, seja desposada. Deste modo acredita obter aliados dispostos a arranjar um pretendente para Catarina, o que efetivamente acontece. Aqui, sem nenhum prurido, Batista trata suas duas filhas como seres sem vontade própria, como meros objetos, enfim, invertendo a máxima kantiana, como meios para atingir determinados fins. De modo semelhante temos no *Príncipe*:

¹⁰ O Príncipe pp 111

¹¹ A Megera Domada pp 318

“Nas ações de todos os homens, especialmente os príncipes, contra os quais não há tribunal a que recorrer, os fins é que contam. Faça, pois, o Príncipe tudo para alcançar e manter o poder; os meios de que se valer serão sempre julgados honrosos e louvados por todos, porque o vulgo atenta sempre para aquilo que parece ser e para os resultados ”¹²

2. Obtenha riquezas por quaisquer métodos e meios!

Na *Megera Domada* os pretendentes de Bianca, aliados agora de seu pai na busca de um esposo para Catarina, encontram Petrucchio, que em Pádua se encontra de passagem. Ao ser informado sobre o temperamento de Catarina e a vontade do pai de desposá-la, Petrucchio afirma:

“Entre amigos, signior Hortensio, não se fala muito. Se conheces alguém bastante rica para que esposa de Petrucchio seja- pois o ouro tilintar na dança deve do casamento dele- embora seja tão feia quanto a amada de Florêncio, velha como a Sibila, tão maligna e impertinente quanto a própria esposa de Sócrates, Xantipa, ou mesmo pior: não poderá deixar-me transformar nem embotar de meu afeto o gume, embora seja como o mar Adriático quando se altera. Vjm para casar-me, para uma noiva rica achar em Pádua; sendo rica, feliz serei em Pádua ”.¹³

Na fala de Petrucchio aparece a riqueza como o maior de todos os bens, condicionando, inclusive, a própria felicidade a ele. Inversão das máximas aristotélicas, segundo o qual , o bem supremo é a felicidade, ligada sempre ao bem da polis. Na *Megera*, a riqueza aparece como um bem em si, e não há limites para sua obtenção. No *Príncipe*, as riquezas, também obtidas por quaisquer meios, são um modo eficiente de alcançar poder, e portanto, honra.

“Não há coisa que faça mais considerado um príncipe do que a realização de grandes empreendimentos e o dar de si exemplos extraordinários. Vemos em nossos dias os de Fernando de Aragão, atual rei da Espanha. Pode ele ser considerado quase príncipe novo, pois, de rei

¹² O príncipe pp 113

¹³ A *Megera Domada* pp 323

desimportante, conquistou a fama e a glória e fez-se o mais alto rei da cristandade. Considerando os seus feitos, vereis que são todos grandiosos e alguns, mesmo, extraordinários. No início do seu reinado atacou ele Granada e esse empreendimento tornou-se a base do seu estado. Agiu a princípio sem alarde, afim de ter certeza de não ser impedido; e nesse empreendimento manteve ocupado o espírito dos barões de Castela, os quais, entretidos com a guerra, não pensavam em inovações. Assim fazendo adquiria Fernando reputação e poder sobre eles, que disso não se davam conta. Com dinheiro da Igreja e do povo pode manter os exércitos, dando-lhes, mediante o exercício daquela guerra prolongada, um poderio que o cobriu de honras”.¹⁴

Tanto na *Megera*, quanto no *Príncipe*, observa-se que a obtenção de riquezas não está condicionada a nada, ou seja, a princípio valem todos os meios possíveis para obtê-las, e por qualquer modo que sejam obtidas elas trazem felicidade ou poder e honra.

3. Minta! (Afirmo o falso!)

Na *Megera* a primeira tática usada por Petrucchio para dominar Catarina e conduzi-la ao casamento é a da mentira. Vejamos na fala de Petrucchio:

“Petrucchio - Vou cortejá-la com algum espírito. Se me insultar, dir-lhe-ei sem circunlóquios que como o rouxinol tem ela o canto; franzindo o rosto lhe direi que é límpida como a rósea manhã que o orvalho banha; se não disser palavra e ficar muda, elogios farei ao seu talento de expressar-se, afirmando que a eloquência dela é arrebatadora. Convidando-me a retirar-me, agradecido mostro-me, como se o grato invite eu recebesse de ficar junto dela uma semana. Se desposar-me não quiser, lhe falo sobre os proclamas e o feliz evento. Mas hei-la aí. Vamos Petrucchio; fala.”¹⁵

E continuando a mentira, afirma-a descaradamente no seguinte diálogo:

¹⁴ O Príncipe pp 131

¹⁵ A Megera Domada pp 330

“Petruccio- Pai, o negócio é assim: vós e os mais todos que falais dela estais muito enganados. Ela só é indigna por política; rabugenta não é , mas tão modesta quanto a rola; não tem gênio esquentado sendo tão fresca quanto a manhã bela. Em paciência é Griselda rediviva; a romana Lucrécia, em castidade. Em conclusão: deixamos combinado casarmonos no próximo domingo

Catarina- Primeiro nesse dia quero ver-te pendurado na forca

Grêmio- Ouve, Petruccio, ela disse que te quer ver na forca

Trânio- É assim vossa história? Então boa noite para nosso contrato

Petruccio - Cavalheiros ,paciência. Eu a escolhi de motu próprio. Se nós dois estivermos satisfeitos que importa o resto? Combinamos, quando ficamos sós, que em companhia de outras pessoas ela impertinente devia se mostrar. Posso afiançar-vos: não fazeis idéia de quanto ela me tem amor. Oh tema Catarina. Do pescoço pendeu-me ,prodigando-me beijo em cima de beijo, juramentos de amor os mais ardentes, tão de pronto se revelou de mim apaixonada. Oh! Sois noviços. É uma maravilha verificar, quando a mulher e o homem ficam sós, como pode um mariquinhas dominar a megera mais rebelde. Quetinha, dá-me a mão. Vou a Veneza compra a roupa para o casamento. Preparai os festejos, pai, mandando logo convites para os conhecidos. Certo estou de que minha Catarina vai mostrar-se galante

Batista- Disso tudo não sei o que pensar, mas dai-me as mãos Petruccio, Deus vos dê felicidade. Está assentado.”¹⁶

A apologia da afirmação da mentira, do falso, como um modo eficiente de dominar, encontra-se também no *Príncipe*:

“Não quero deixar de lado um exemplo atual. Alexandre VI não fez jamais outra coisa, não pensou jamais em outra coisa senão enganar os homens: e encontrou sempre ocasião para fazê-lo. E não houve nunca outro homem que tivesse maior eloquência no asseverar uma coisa, e que com mais solenes juramentos a garantisse e menos a observasse do que ele. Não obstante sempre se beneficiou como quis das perfídias, porque conhecia bem estas coisas da vida .”¹⁷

¹⁶ Op.Cit. pp332

¹⁷ O Príncipe pp 112

4. **Aproprie-se!** (inclusive do outro e das coisas dos outros!)

As mulheres, esposas e filhas, são propriedade de maridos e pais, assim como os povos e territórios, são propriedades dos príncipes. Esposas e mulheres precisam ser comandadas, tuteladas, e a elas não é permitido exercer suas vontades autonomamente, assim como os povos conquistados. O poder do Príncipe, está relacionado as suas conquistas na guerra, e portanto suas propriedades. Terá este mais poder quanto mais territórios conquistar e anexar.

Na *Megera*, na trama paralela, tendo sido Catarina finalmente desposada por Petrucchio, e portanto, podendo agora Bianca casar-se, restam digladiarem-se os dois pretendentes de Bianca . Sendo dois os pretendentes e uma a futura esposa, Batista, pai de Bianca, tem a solução: “Batista- Não brigueis cavalheiros; tenho um meio para solucionar a desavença. Vão decidir os fatos .De vós ambos o que firmar a minha filha dote mais opulento, o amor terá de Bianca”.¹⁸

E na trama principal Petrucchio, uma vez casado com Catarina, assume , na lua de mel, sua propriedade:

“Petrucchio - Todos irão ceiar, minha Quetinha, porque assim o ordenaste. Ide Senhores para o banquete! Obedecei a noiva, bebei a larga a sua virgindade, soltai rédeas ao júbilo, mostrai-vos ledos até a loucura, ide enforcar-vos...Mas a minha Quetinha encantadora deverá ir comigo. Nada disso, não precisais crescer para meu lado, nem sapatear, nem escumar de raiva. Quero ser dono do que me pertence; ela é minha fazenda, meus bens móveis, a mobília, o celeiro, a casa, o campo, meu burro, meu cavalo, minha vaca, meu tudo enfim. Aqui ela se encontra. quem coragem tiver, que toque nela; saberei defender-me contra o ousado que o passo me quiser barrar em Pádua. Desembainha, Grúmio, que cercados estamos por bandidos. Se homem fores, salva tua patroa. Não, Quetinha, ninguém te tocará; hei de amparar-te contra um milhão que seja”.¹⁹

¹⁸ A *Megera Domada* pp 333

¹⁹ Op.Cit pp 341

No *Príncipe* a arte da guerra é vista como a maior de todas. Afinal, é ela que permite que territórios sejam conservados e outros anexados. É ela que garante a defesa e a conquista da propriedade:

“Deve, portanto, um príncipe não ter outro objetivo e outro pensamento nem dedicar-se a outro empreendimento rotineiro que não os relacionados com a guerra e a organização e disciplina das tropas, pois a prática da arte da guerra é a única que se espera daquele que governa, Ela é de tal valia que não apenas sustenta os que nasceram príncipes, como, muitas vezes, faz com que homens de condição privada ascendam aquela posição, enquanto que, ao contrário, vê-se que príncipes que cuidaram mais de amenidades que das armas perderam seus Estados. A razão principal de perderes estes é a negligência da arte da guerra; e a razão de o conquistares é seres nela versado.”²⁰

E como “conselho prudencial” para que se mantenha o Estado conquistado temos:

“A esta altura há que notar que, ao apossar-se de um Estado, deve o que o tomou verificar todas as ofensas que precisa fazer; e fazê-las todas de uma vez, a fim de não ter de repeti-las todos os dias e poder, assim, não as repetindo, tranquilizar os homens e, beneficiando-os, conquistá-los. Quem age diferentemente, ou por timidez ou por mal aconselhado, necessitará sempre estar com a faca em punho; não poderá nunca confiar nos seus súditos, por não poderem estes, em virtude das novas e contínuas injúrias, sentirem-se seguros sob seu governo. É que as injúrias se devem fazer todas de uma vez, a fim de que, tomando-se-lhe menos o gosto, ofendam menos; os benefícios devem ser feitos pouco a pouco, a fim de que melhor sejam saboreados”.²¹

5. Use da força! (Crie fatos consumados!)

Na obra de Shakespeare, na luta entre os pretendentes de Bianca, o estrategema de Lucêncio- usando um falso pai para assegurar bens que na realidade não existem, discutindo, então, um contrato que não se cumprirá - funciona a medida que como último ato da trama cria-se o “fato consumado”,

²⁰ O Príncipe pp 97

²¹ Op.Cit. pp 73

no caso, antes que Batista descubra que contratou com um pseudo-pai de Lucêncio, este já terá desposado Bianca e a deflorado:

“Lucêncio- Então explica-me a moral do caso

Biondello- Ei-la: Batista está em lugar seguro conversando com o falso pai de um filho embusteiro

Lucêncio- E daí?

Biondello - Tereis de levar a filha dele para a ceia

Lucêncio - E depois?

Biondello- O velho padre da Igreja de São Lucas ficará todo esse tempo a vossa disposição

Lucêncio - E no fim de tudo isso?

Biondello - Não saberei dizê-lo a não ser que eles se encontram atarefados com um falso contrato. Assegurai-vos portanto dela, cum privilegio ad imprimendum solum. À igreja! Levai o padre, o sacristão e algumas testemunhas suficientemente honestas. Se esta não for a ocasião que esperáveis com tanta alegria, dizei adeus a formosa Banca, sem perda de um dia.

Lucêncio -Escuta Biondello

Biondello- Não posso ficar mais tempo. Conheço uma rapariga que se casou numa tarde, ao ir à horta apanhar salsa para encher um coelho. O mesmo podereis fazer, meu senhor. E com isto, adeus. Meu amo mandou que eu fosse à Igreja de São Lucas, a fim de dizer ao padre que se aprontasse para quando chegásseis com vosso apêndice

Lucêncio- Posso-o e falo-ei, se ela ficar alegre. Há de ficar, porque duvidar? Eis o momento de me declarar; mal ficarei se Câmbio a não pegar”.²²

O fato consumado nada mais é do que uma demonstração de força. Para que se force a aceitação de algo, realiza-se este algo, contrariando qualquer impedimento ou proibição de ordem social ou legal. E quando o fato novo está criado nada mais há a fazer senão aceitá-lo. O uso da força é aconselhado por Maquiavel:

“Deveis pois saber que há duas maneiras de combater: uma, com a lei, outra, com a força. A primeira é própria do homem; a segunda

²² A Megera Domada pp 353

dos animais. Como, porém, a primeira muitas vezes não seja suficiente, convém recorrer a segunda. É portanto necessário a um príncipe saber bem usar o animal e o homem”²³

6. Seja temido ! (e use da prepotencia e da coerção se necessário!)

Fazer-se temido, usando para isso dos mais diversos métodos, como a prepotência, a coerção e o que mais for eficaz, é mais uma das regras que devem ser utilizadas por quem pretende dominar . Na *Megera* temos: “Grúmio- A dois passos daqui ; provavelmente já está apeando do cavalo. Por isso não sejas...Santo Deus! Silêncio! Estou ouvindo a voz do patrão. Petrucchio - Onde estão estes biltres? Como! A rédea ninguém me veio segurar a porta, nem pegar o cavalo? Onde se encontram Gregório, Nataniel, José, Filipe?

Todos os criados- Aqui Senhor!

Petrucchio- Aqui senhor! Aqui senhor! Aqui senhor! Cabeças ocas, moços de estrebaria é o que sois todos. Deveres ninguém tem? Não há serviço? Atenções ninguém mostra? Onde se encontra aquele tolo que eu mandei na frente?

Grúmio- Aqui senhor, tão tolo quanto era antes

Petrucchio- Rústico, mandrião, rocim maldito. Não mandei que no parque me esperasses e que levasses esses outros biltres?

Grúmio- O casaco, senhor, de Nataniel estava só alinhavado; ainda faltava por salto no sapato de Filipe; não havia morrão para darmos cor ao chapéu de Pedro; falta bainha para a espada de Válter. Só estão prontos Gregório, Ralph e Adão. Todos os outros estão que nem trapos, velhos e indigentes. Mas mesmo assim vieram receber-vos.

Petrucchio- Ide mariolas, preparar a sopa”²⁴

Já no *Príncipe*, Maquiavel questiona e aconselha:

“Nasce disso uma questão, a saber: é melhor ser amado do que temido ou o contrário? Responder-se-á que se desejaria ser uma e outra

²³ O Príncipe pp 111

²⁴ A Megera Domada pp 342

coisa; mas como é difícil casá-las, é muito mais seguro ser temido que amado, quando se haja de optar por uma das alternativas. É que dos homens pode-se dizer geralmente o seguinte: que são ingratos, volúveis, dissimulados, esquivadores dos perigos, ambiciosos de ganho; que, enquanto os beneficia, são inteiramente teus, oferecendo-te o próprio sangue, os bens, a vida, os filhos, como atrás se disse, desde que não se mostre a necessidade disso. Quando, porém, ela se apresenta, eles se vão. E o príncipe que haja confiado inteiramente na palavra dada perde-se se estiver desprevenido de outras medidas, pois as amizades baseadas no interesse, e não na grandeza e nobreza da alma, não se têm a altura do que se merece, e na ocasião necessária não se podem usar. E os homens receiam menos ofender aquele que se faz amar do que aquele que se faz temer: o amor mantém-se vinculado a gratidão, e esse vínculo, por serem míseros os homens, rompe-o toda ocasião conveniente; ao passo que o temor é mantido pelo receio aos castigos, e jamais faz com que te abandonem”²⁵

7. Maltrate! Seja cruel!

Na obra de Shakespeare, para amansar a megera, no caso sua já esposa Catarina, Petrucchio explicita um de seus métodos:

“Petrucchio- Comecei desse modo o meu reinado com muita habilidade, tencionando chegar aos fim com êxito completo. Meu falcão está afiado e com bem fome, e, enquanto não ficar bastante afiado não encherá o papo. De outro modo não obedecerá ao meu aceno. Tenho também outro processo para deixar manso o gavião, fazer que volte a habitua-lo ao meu grito, isto é, força-lo a ficar acordado, como é de hábito fazer com esses milhanos indomáveis que se debatem muito. Até agora ele não comeu nada, sendo certo que vai ficar assim o dia todo. Na última noite não dormiu, nem há de dormir na noite entrante. De igual modo que com a comida fiz acharei meios de encontrar hipotéticos defeitos na arrumação do leito: os travesseiros atiro para um lado, as almofadas para outro, jogo longe os cobertores, faço voara os lençóis. Sim, e em toda essa barulheira infernal direi que faço tudo por causa dela. Em suma: ela há de vigilar

²⁵ O Príncipe pp 108

passar a noite; e caso os olhos venha a fechar farei tão grande bulha com ralhos e disputas que por força terá de despertar. Essa é a maneira de matar com carícias uma esposa. Dobrarei desse modo o gênio dela, opinioso e violento. Se alguém sabe como amansar melhor uma megera, venha ensinar-me que aqui fico a espera ”.²⁶

Na obra de Maquiavel a crueldade é admitida na paz e exaltada na guerra:

“Examinando as outras crueldades atrás enumeradas, direi que todo príncipe deve desejar ser tido como piedoso e não como cruel; não obstante deve cuidar de não usar mal a piedade. César Bórgia era tido como cruel; entretanto essa sua crueldade havia posto ordem na Romanha, promovido a sua união e pacificação e inspirado confiança, o que, bem considerado, mostra ter sido ele muito mais piedoso do que os fiorentinos, os quais, para se esquivarem da reputação de cruéis deixaram que Pistóis fosse destruída. Deve um príncipe, portanto, não se importar com a reputação de cruel, a fim de poder manter seus súditos em paz e confiantes, pois que, com pouquíssimas repressões será mais piedoso do que aqueles que, por muito clementes, permitem as desordens das quais resultam assassinios e rapinagens. Estas atingem a comunidade inteira, enquanto que os castigos impostos pelo príncipe atingem poucos”²⁷

E prossegue:

“Mas quando o príncipe está a frente dos seus exércitos e tem soldados inúmeros sob seu comando, então é preciso que não se importe com a reputação de cruel, porque, sem ela, não se mantém jamais o exército unido nem disposto a ação. Entre os notáveis feitos de Aníbal conta-se este: no seu imenso exército, composto da mescla de inúmeras qualidades de homens e conduzido à ação em terras estrangeiras, jamais surgiu qualquer dissensão, quer entre os soldados, quer entre estes e o seu chefe, tanto nos bons quanto nos maus momentos. Isto não pode ter tido outra causa senão a da inumana crueldade de Aníbal a qual, somada as inúmeras virtudes suas, fê-lo sempre, no conceito dos seus soldados ,venerando e terrível. Sem essa, não lhe teriam bastado as outras suas

²⁶ A Megera Domada pp 344

²⁷ O Príncipe pp 107

virtudes para alcançar tal efeito. Os historiadores pouco judiciosos por um lado admiram suas ações e, por outro, entretanto, reprovam a principal causa delas.”²⁸

8. É dando que se recebe! (Troque favores!)

Na *Megera Domada* Petrucchio usa, como estratégia para domar e dominar sua megera, a tática da “troca”, quase ao estilo de um condicionamento, como se usa para domar animais ou ensinar crianças. Vejamos no seguinte diálogo:

“Petrucchio-Novidades, senhor? Que nos trouxestes?

Modista- Esta touca, por Vossa Senhoria encomendada

Petrucchio- Como! O molde para isso foi alguma sopeira? Ora, ora! Um prato de veludo! Banal e sujo. É mais um caramujo, uma casca de noz, um brinquedinho, gorrozinho de criança, bugiaria... Quero um maior, já disse! Levai esse

Catarina- Não, não quero maior; está na moda; é assim que as damas elegantes usam.

Petrucchio - Quando fores gentil terás um desses, antes não ”²⁹

A regra do “é dando que se recebe” aparece também no *Príncipe*:

“Passarei a conclusão deste capítulo dizendo que os príncipes de nossos tempos têm menor necessidade de satisfazer excessivamente seus soldados. E é que, embora se lhes deva dedicar alguma consideração, isso não requer continuada atenção, por não possuírem estes príncipes exércitos que se hajam formado com os governos ou administrações das províncias, como eram os exércitos do Império Romano. Assim, pois, se então era necessário contentar mais os soldados que o povo, era porque os soldados podiam mais que o povo. Hoje é mais necessário a todos os príncipes, exceção feita do grão-turco e do sultão, contentar mais o povo que os soldados, porque o povo pode mais que aqueles”³⁰

²⁸ Op.Cit pp 109

²⁹ A Megera Domada pp 348

³⁰ O Príncipe pp 123

E adiante:

“ Mas há uma maneira que jamais falha de o príncipe conhecer o ministro: quando vires o ministro pensar mais em si próprio do que em ti, e, em todos os seus atos, buscar o seu próprio interesse, sabe que um homem de tal feitio jamais será bom ministro, que jamais poderá confiar nele, porque aquele que tem o Estado de alguém em suas mãos não deve jamais pensar em si próprio, mas no príncipe, e não apoquentá-lo com coisas que não lhe dizem respeito. De outro lado , o príncipe, para conservar bom o ministro, deve pensar nele, honrando-o , tornado-o rico, suscitando a sua gratidão, fazendo-o participar de honrarias e cargos, de modo que ele veja que não pode afastar-se do príncipe, e que as muitas honrarias não o façam desejar mais outras, as muitas riquezas não o façam desejar mais ainda, os muitos cargos façam com que tema as mudanças. Quando, pois ,os ministros, e os príncipes em relação aos ministros, são assim, podem confiar um no outro; e quando não o fim será sempre mau para um ou outro”.³¹

9. Aniquile! (Se necessário negue a razão e desafie os fatos!)

A última regra é a do aniquilamento, a tal ponto, que a própria razão é desafiada, e os fatos contrariados. Nega-se a razão e a racionalidade, nega-se os fatos e o outro é forçado a aceitar esta negação. Trata-se de uma espécie de “afirmação do absurdo”, mas dentro de uma estratégia clara e maligna de dominação, com o objetivo de aniquilar e destruir a identidade e a liberdade do outro, forçando-o a aceitar o que quer que seja. Vejamos como age Petrucchio na *Megera*:

“(A Grúmio) - Chama meus homens; montaremos logo; põe os cavalos na alameda grande, a pé iremos até lá. Vejamos: são sete horas, quero crer, agora; chegaremos com tempo de jantar.

Catarina- Senhor, posso afiançar-vos; são duas horas; nem a ceia, é certeza, alcançaremos

Petrucchio- Serão sete horas antes de montarmos. Veja bem: quanto eu diga, ou faça, ou tenha idéia de fazer, contrariais sempre.

³¹ Op.Cit pp 136

Deixai amigos; hoje já não saio. Quando vier a sair, dagora em diante, a hora que eu disser é que está certa

Hortensio- Até no sol este galante manda ”.³²

E para confirmar que a megera está realmente dominada, Petrucchio provoca duas situações. Vejamos a primeira:

“Petrucchio- Depressa, pelo céu! Vamos a casa de vosso pai, de novo. Oh Deus bondoso! Como brilha no céu a lua amiga!

Catarina- Lua? Isto é sol. Não há luar ainda

Petrucchio- Digo que é a lua que tão claro brilha

Catarina- É o sol, vejo bem que tão claro brilha

Petrucchio- Pois pelo filho de meu pai, eu mesmo, tem de ser lua ou estrela, ou o que eu quiser, antes de à casa de teu pai nós irmos. Recolhei os cavalos! Contrariado de novo! Contrariado sempre e sempre!

Hortensio- Oh! Concordai com ele; do contrário não partiremos nunca

Catarina- Por obséquio, já que chegamos até aqui, sigamos até o fim, seja lua ,ou sol, ou quanto bem entenderdes. Caso resolvais dar-lhe o nome de vela, doravante para mim será isso

Petrucchio- É lua disse

Catarina- Vejo que é lua mesmo

Petrucchio- Estás mentindo, pois é o sol abençoado.

Catarina- Deus bendito! Pois é o sol abençoado. Mas já deixa de ser o sol quando negardes isto. Muda-se a lua como vosso espírito; será o que quiserdes, e isto mesmo ficará sendo para Catarina

Hortensio -Petrucchio, segue teu caminho; ganha foi a batalha .”³³

Na segunda situação Petrucchio tem sua prova definitiva. O domínio está definitivamente estabelecido. Catarina aceitará tudo que Petrucchio quiser ou fizer:

“Petrucchio- (A Vicêncio) - Gentil dama, bom dia. Qual é o vosso itinerário? Doce Quetinha, com franqueza fala-me: já viste uma senhora assim tão fresca? Como em suas faces o vermelho e o branco dura guerra mantém? Jamais os astros e o céu tão belamente tachonaram

³² A Megera Domada pp 351

³³ Op.Cit pp 353

como estes olhos o seu rosto angélico. Adorável menina, novamente muito bom dia para ti. Abraça-o Doce Quetinha, por ser tão formosa.

Hortênsio- Vai deixar o homem louco pretendendo transformá-lo em mulher.

Catarina- Botão formoso, fragrante e virginal, para que ponto te diriges agora? Onde resides? Felizes pais de tão galante filha! Mas mais feliz o moço a quem os astros propícios te destinam para sua companheira tão meiga!

Petruccio- Ora Quetinha! Não estás louca, penso. É um homem velho, cheio de rugas, murcho, enfraquecido como estás vendo.

Catarina- Velho pai, perdoa o engano de meus olhos. Ofuscados tanto o sol os deixou que quanto eu veja só verde me parece. Agora eu noto que és um pai venerando. Novamente peço que perdoes este engano.

Petruccio- Perdoa-lhe bom velho; e ao mesmo tempo conta-nos teu caminho. Sendo o mesmo que o nosso, muito alegre ficaremos com tua companhia

Vicêncio- Belo moço ,e vós, alegre dama, que bastante me espantastes com vosso cumprimento tão esquisito: chamo-me Vicêncio; moro em Pisa, e em caminho estou de Pádua, para fazer uma visita a um filho que há muito não revejo.”³⁴

No *Príncipe* Maquiavel aconselha o “aniquilamento”, como a melhor forma de manter o domínio sobre uma cidade conquistada:

“É que na verdade não há maneira mais segura de dominar as cidades conquistadas do que aniquilá-las. Quem se torna senhor de uma cidade afeita a viver livremente e não a aniquila deve esperar ser aniquilado por ela, pois esta tem sempre, como divisa de rebelião, a liberdade e os seus antigos costumes, os quais nem o transcurso do tempo nem os benefícios recebidos farão esquecer. Não obstante tudo quanto se faça e não obstante as cautelas que se tomem, se não se dividem e dispersam os habitantes, estes não se esquecem de sua liberdade e costumes antigos e a eles recorrem na primeira oportunidade que se lhes ofereça, como fez Pisa depois de estar havia cem anos sob o domínio dos Fiorentinos”³⁵.

³⁴ Op.Cit pp 354

³⁵ O Príncipe pp 55

O resultado da aplicação deste princípio e destas nove regras é o domínio e a dominação incondicional. Isto serve para os indivíduos e para os Estados. Catarina, a megera, está já domada por Petrucchio, totalmente dominada. E a Itália estaria unificada e livre dos bárbaros, caso houvesse um Príncipe disposto a segui-las. Vejamos a fala final de Catarina e a conclusão de Maquiavel:

“Catarina - ... A submissão que o servo deve ao Príncipe é a que a mulher ao seu marido deve. E se ela se mostrar teimosa, indócil, intratável, azeda, rebelada contra suas razoáveis exigências, que mais será senão por isso abjeta traidora, sim traidora de seu próprio devotado vergonha de ver que são tão simples as mulheres, para fazerem guerra onde deveram de joelhos pedir paz ou pretenderem dominar, dirigir, mandar em tudo quanto servir lhes cumpre tão-somente, obedecer e amar? Por que motivo temos o corpo delicado e fraco, pouco afeito aos trabalhos e experiências do mundo, se não for apenas para que nossas qualidades delicadas e nossos corações de acordo fiquem com nosso hábito externo? Deixai disso, vermezinhas teimosas e impotentes! O caráter já tive assim tão duro, o coração tão grande quanto o vosso, e mais razões, talvez, para palavra revidar com palavra, picardia com picardia. Mas agora vejo que nossas lanças são de palha, apenas. Nossa força é fraqueza; somos criança que muito ambicionando logo cansa. Abatendo o furor nos exaltamos. Ponde a mão sob os pés de vossos amos. Caso o meu queira, a minha já está pronta; para mim não consiste nisto afronta”.³⁶

E no *Príncipe*:

“Não se deve, portanto, deixar passar esta ocasião, a fim de que a Itália, depois de tanto tempo, encontre o seu redentor. Não tenho palavras para dizer com quanto amor seria ele recebido em todas aquelas províncias que sofreram a invasão estrangeira; com que sede de vingança, com que fé obstinada, com que piedade, com que lágrimas. Que portas se cerrariam diante dele? Que povos lhe negariam obediência? Que inveja se lhe oporia? Que italiano lhe negaria reverência? Cheira mal a todos este bárbaro domínio. Empreenda, pois, a vossa ilustre casa esta tarefa,

³⁶ A Megera Domada pp 361

com o ânimo e a fé com que se empreendem as campanhas justas, a fim de que ,sob sua bandeira, esta pátria se enobreça e, sob seus auspícios, se verifique o que disse Petrarca: a virtude tomará armas contra o furor, e o combate será curto, pois o valor antigo ainda não morreu nos corações italianos”³⁷

A Megera domada e a Itália livre da dominação bárbara. Mas seriam estes fins tão “bons” e necessários que justificariam a aplicação de regras tão malignas? Afinal, quem são as megeras e os bárbaros do mundo? Megera é de fato Catarina ou seria Petrucchio com os métodos utilizados para doma-la? Bárbaros são os que dominaram a Itália ou um Príncipe que a unificasse seguindo as regras de Maquiavel?

Para além desta reflexão(que será objeto da segunda parte deste artigo) fica a constatação e o alerta de que as regras aqui apresentadas são usadas cada vez mais, no todo ou em parte, em processos de dominação a nível micro e macro-social, por indivíduos e por Estados, com requintes inimaginados mesmo pelo gênio de homens como Shakespeare e Maquiavel.

Referências Bibliográficas

MAQUIAVEL. O Príncipe. São Paulo: Editora Cultrix, 1994
SHAKESPEARE, William . A Megera Domada, em Teatro Completo de Shakespeare: Comédias. São Paulo: Ediouro s/d

³⁷ O Príncipe pp 150